

## TENENTE

Esse João Alberto, que morreu ministro, nunca deixou de ser tenente. Conheci-o muito pouco e guardei essa impressão que me dava um homem muito mais velho, muito mais vivido e muito mais experiente do que eu: e de um jovem deslumbrado com as possibilidades de pensamento e de ação, um descobridor de soluções e até de problemas. Naquêles verdes anos de 1930 o atual general Juarez Távora deu uma entrevista coletiva que ficou famosa; instigado pelos jornalistas solertes, o jovem tenente opinou com a maior tranquilidade sobre os mais disparatados assuntos. Isso era muito de "tenente", essa generosa leviandade em atacar os assuntos, em encontrar fórmulas e definições para tudo.

João Alberto jamais conseguiu perder um certo gosto aventureiro pelas novidades de toda ordem. Foi um dos homens que mais iniciativas teve no Brasil, e certamente um dos piores administradores. A facilidade com que se deixava manobrar por espartalhões de toda ordem trouxe-lhe uma fama de desonestidade que os amigos comentavam com revolta; um deles, seu advogado, o escritor Maurício Goulart, sempre me confidenciou a péssima situação das finanças desse revolucionário que nem de longe conseguiu juntar a invejável pecúnia de outros heróis de 30. Sabemos agora que ele só deixou dívidas, e grandes. Nos seus negócios particulares era tão sonhador, imprevidente e fácil de enganar como no manejo da coisa pública.

O velho diletante era um homem encantador que impressionava profundamente os que dele se aproximavam. Era um curioso das coisas humanas, um artista e um inquieto imaginoso. Homens assim não organizam um país, mas são úteis como o sal e o fermento. Seu destemor pessoal, sua lealdade aos amigos, sua generosidade desprevenida, seu amor pela terra e pelas coisas do Brasil que ele conhecia tanto, faziam dele uma figura invulgar que sempre criava para os seus piores adversários o risco de se deixarem encantar por ele. Com seus defeitos e fraquezas — foi um belo tipo de brasileiro, esse que morreu.

29-7-55 R. B.

227